

Clássicos são os profetas do Antigo Testamento que se mostravam sensíveis às questões sociais como OSEIAS, AMÓS, MIQUEIAS, JEREMIAS e ISAÍAS.

O profeta é um indignado. Luta pelo direito e pela justiça, especialmente dos pobres, dos fracos e das viúvas, contra os exploradores dos camponeses, contra os que falsificam pesos e medidas, e contra o luxo dos palácios reais. Sentem dentro de si um chamamento, interpretado no código bíblico, como uma missão divina.



Créditos da foto: Leonardo Boff

a atual crise político-social exige profetas

O profetismo é um fenômeno não apenas bíblico. É atestado noutras religiões como no Egito, na Mesopotâmia, em Mari e em Canaã, em todos os tempos, também nos nossos. Há vários tipos de profetas (comunidades proféticas, visionários, profetas do culto, da corte etc) que não cabe aqui analisar.

Clássicos são os profetas do Antigo Testamento que se mostravam sensíveis às questões sociais como Oseias, Amós, Miqueias, Jeremias e Isaías.

Na verdade, em todas as fases do cristianismo esteve sempre presente o espírito profético, como entre nós, inegavelmente, com D. Helder Câmara, com o Cardeal D. Paulo Evaristo Arns, com D. Pedro Casaldáliga e outros, para nos ficarmos somente pelo Brasil.

O profeta é um indignado. Luta pelo direito e pela justiça, especialmente dos pobres, dos fracos e das viúvas, contra os exploradores dos camponeses, contra os que falsificam pesos e medidas, e contra o luxo dos palácios reais. Sentem dentro de si um chamamento, interpretado no código bíblico, como uma missão divina.

Amós, que era um simples pastor de vacas, Miqueias um pequeno colono, e Oseias, casado com uma prostituta, largam os seus afazeres para se dirigirem ao pátio do templo ou à portaria do palácio real, a fim de fazerem as suas denúncias. Mas não se limitam a denunciar. Anunciam catástrofes e, em seguida, uma nova esperança de um recomeço melhor.

Estavam, também, atentos aos acontecimentos históricos a nível internacional. Miqueias, por exemplo, censura Nínive, capital do império assírio: "Ai da cidade sanguinária, tudo nela é mentira. De roubo está cheia e não para de saquear. Lançarei sobre ti imundícies" (3,1.6). Jeremias chama a Babilónia "a metrópole do terror".

Devemos entender corretamente as previsões dos profetas. Eles não anteviam as catástrofes, como se tivessem acesso a um saber especial. O sentido é o seguinte: a persistir a atual situação de exploração, de práticas contra os indefesos e de abandono da reverente relação com Javé, e se se negarem a alterá-la, isso terá como consequência uma desgraça.

Logicamente desagradam aos poderosos, aos reis e até ao povo. São chamados "perturbadores da ordem", "conspiradores contra a corte ou o rei". Por isso os profetas são perseguidos, como sucedeu a Jeremias que foi torturado e posto na prisão; outros foram assassinados. Poucos profetas morreram de velhice. Mas ninguém lhes fez calar a boca.

Evidentemente, há falsos profetas, aqueles que vivem nas cortes e são amigos dos ricos. Anunciam só coisas agradáveis e, até, são pagos para isso. Há um verdadeiro conflito entre os falsos e os verdadeiros profetas. O sinal de que um profeta é verdadeiro é a sua coragem de arriscar a vida pela causa dos humildes da terra, e de sempre gritar por justiça e por direito e de, incansavelmente, defender o que está certo e é justo.

Os profetas surgem em tempos de crise, para denunciar projetos ilusórios, e anunciar um caminho que faça justiça ao humilhado e que faça nascer uma sociedade agradável a Deus, porque atenta aos ofendidos e aos tornados invisíveis. A justiça e o direito são as bases da paz duradoura: é essa a mensagem central dos profetas.

Hoje, a nível nacional e mundial, vive-se uma grave crise. Grupos de cientistas e de analistas do estado da Terra não se cansam de nos advertir: como consequência da lógica da acumulação ilimitada, estamos a preparar uma grave catástrofe ecológico-social. É essa a consequência. Não caminhamos para o aquecimento global. Já estamos dentro dele e os sinais são inegáveis.

Estas vozes das pessoas mais competentes, não são ouvidas pelos “decision makers” e pelos homens do dinheiro. São antissistémicas e prejudicam os negócios. No Brasil, mergulhado numa crise sem precedentes, governado caoticamente por pessoas incompetentes e até ridículas, faltam-nos profetas que denunciem e apontem caminhos viáveis para sairmos deste atoleiro.

As palavras de Márcio Pochmann adquirem um teor profético: “A manter-se o caminho aberto pelo neoliberalismo de Temer e, agora, aprofundado pelo ultraliberalismo que domina o confuso governo Bolsonaro, o sentido do Brasil tende a ser o da Grécia, com encerramento de empresas e colapso da administração pública. Aproxima-se, rapidamente, o pior”. Outros vão ainda mais longe: “a imporem-se as reformas político-sociais, conformes à lógica do mercado, meramente competitivo e nada cooperativo, o Brasil poderá transformar-se numa nação de párias”. Precisamos de profetas, religiosos, civis, homens e mulheres ou, pelo menos, que tenham atitudes proféticas, para denunciar que o caminho já decidido será catastrófico. Dão-nos alguma esperança as palavras de Isaías: “O povo que vive nas trevas verá uma grande luz, os que habitam numa terra de sombras, a luz resplandecerá sobre eles” (9.1).

LEONARDO BOFF é teólogo, filósofo e escritor. Escreveu *“Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres”*, Vozes 2005.

as três fotos, escolhidas pelo Papa, de pessoas sem-abrigo

DANIELE GAROFANI, fotógrafo do “*L’Osservatore Romano*”, o jornal do Vaticano, fez durante um ano e meio de trabalho, entre 2016 e 2017, uma reportagem de 50 imagens sobre pessoas sem-abrigo que vivem à volta do Vaticano e da Basílica de S. Pedro.

O livro com as fotografias foi apresentado ao Papa pelo autor, acompanhado pelo então responsável da Secretaria para a Comunicação do Vaticano, Dario Viganò, a 7 de agosto de 2017. Francisco ficou sensibilizado pelas fotos e indicou que gostaria de ver ampliadas três das fotografias nas paredes da Esmolaria da Santa Sé, o organismo que cuida da assistência aos mais pobres e que, recentemente, esteve também envolvida na abertura de um centro médico de assistência às pessoas mais necessitadas que vivem naquela zona de Roma.

Em entrevista ao Vatican News, Daniele, que é também colaborador voluntário da Esmolaria Apostólica, descreveu a realidade que encontrou: “Muitos confundem os pobres da rua simplesmente com os imigrantes rom [ciganos] profissionais da esmola. Mas trata-se de um mundo mais vasto e variado. São desafortunados que tiveram problemas com a justiça, operários ou pequenos empresários que perderam casa e trabalho, perdendo mesmo as ligações familiares, nesse processo. São desafortunados aos quais a sorte ou a doença lhes retirou a capacidade de pensar, viver e trabalhar nos modos que conhecemos, a capacidade de confiar no próximo.”

Cada fotografia feita por Daniele Garofani tem uma história. Reproduzem-se a seguir as três escolhidas pelo Papa Francisco e cedidas ao 7MARGENS pelo seu autor, que explica a situação que deu origem a cada uma delas:



De mão estendida (foto Daniele Garofani)

Captada a 7 de janeiro de 2017, esta imagem “retrata um pobre que quase todos os dias pára entre a Via della Conciliazione e a Via di Porta Angelica. O homem está por terra com o braço estendido ao alto, para os passantes; é um pedido de ajuda, é um gesto que repete todos os dias, é o seu modo de viver. Sabe que, ao mostrar as malformações na sua cabeça pode ter alguma coisa mais. E ostenta-as deitando-se no passeio, de modo que os passantes possam olhá-lo melhor.”



De mão estendida 2 (foto Daniele Garofani)

Feita também na mesma data: “Um casal dos seus 60 anos, à saída da igreja de Santa Maria in Traspontina, no fim da missa. Como acontece um pouco a todos, surgem incomodados por quem está à sua frente pedindo dinheiro. Achei muito bom o contraste entre a senhora em peles e a idosa com a mão estendida. Tentar capturar qualquer cena que retrate de alguma forma a miséria que encontro saindo de casa para fazer alguns metros e entrar no Vaticano, fez-me refletir. Tenho esse direito? Posso de alguma forma faltar ao respeito a uma pobreza digna, mesmo que não seja bonita aos olhos dos observadores de passagem?”



Ceia comida no chão (foto Daniele Garofani)

A terceira fotografia escolhida pelo Papa para a Esmolaria foi captada a 20 de dezembro de 2016: “Pelos 22h00 voltámos à casa de Santa Ana, evitando o homem por terra que estava a comer uma refeição num prato de plástico. Não sei o motivo por que queria estar ali, mas os militares italianos de guarda no exterior e a Guarda Suíça gastaram muito tempo para o fazer levantar. Foi-se embora praticamente depois de ter acabado. A minha interpretação talvez seja forte e incorreta, mas pareceu-me que ele, aceitando o que tinha sido oferecido, pretendia consumi-lo à frente de todos, sobretudo de quantos entram no Vaticano. Recusando esconder-se aos olhos de todos, porque estava consciente de quantos desviam o olhar diante de um sem-abrigo que come e dorme por terra. Vi dignidade nisto ou, pelo menos, uma tentativa, ainda que um pouco louca, de a reivindicar.”

Maria Wilton

<http://setemargens.com/o-retrato-dos-sem-abrigo-do-vaticano/> (15/01/2019)



Küng: «Entender para crer»

A minha espiritualidade sempre esteve mais envolvida com a racionalidade do que com a sensibilidade. Jamais quis simplesmente “crer”, mas também entender. Como teólogo, sempre me considerei também filósofo, estudei filosofia e pratiquei-a. A aversão contra esta matéria, continuamente observável de Martinho Lutero em diante, não me diz respeito. Por outro lado, nunca me ficou claro por que os filósofos dos séculos vinte e vinte e um jamais quiseram colocar-se a questão da “metafísica”, consignando aos teólogos a administração desta grande herança da filosofia ocidental.

Poderá ser que com a minha teologia eu consiga remediar este esquecimento de Deus sobrevivendo na filosofia e este esquecimento da filosofia ocorrido na teologia? Em todo o caso, a minha teologia não deveria ser uma ciência secreta para quem já é crente, que se entrincheira nas questões cruciais por trás dos mistérios, como o foi aquela atitude criada pelos teólogos no decurso de uma problemática histórica dos dogmas. Ela deveria antes ser compreensível, *compartilhável* e fidedigna, a ponto de aproximar também os não crentes do único grande mistério da realidade, aquele ao qual nós damos o nome de “Deus”.

Não posso e não quero esgotar a minha razão nas questões de fé. Tudo o que é absurdo, obscuro, infantil, grotesco, reacionário sinto-o estranho a mim, bem como aquela histeria massificada ou até mesmo mundial que se verifica no caso de um trágico incidente que ocorre a uma bela princesa, na morte inesperada de uma *pop star* envolta pelos escândalos ou na morte pública e difundida mediaticamente de um Papa.

Mas, também uma racionalidade absolutizada, um racionalismo ideológico podem ser uma superstição, de modo semelhante ao dogmatismo teológico. Em todo o caso, tenho pouca vontade tanto de discutir com os racionalistas enrijecidos, como com os dogmáticos imóveis. Mais de uma vez constatei que na polémica ambos se demonstram incapazes até mesmo de referir somente de modo correto as minhas opiniões. Naquelas circunstâncias, a sua *ratio* é ofuscada pela *passio*.

Naturalmente, também eu, como todo o ser humano, não sou feito somente de razão e racionalidade, mas também de sentir e querer, de índole e fantasia, de emoções e paixões. Esforço-me decididamente por conseguir uma visão complexa das coisas. Aprendi a pensar de maneira metódica e clara, o que se chama *esprit de géometrie*, segundo o espírito de Descartes. Todavia, tenho tentado simultaneamente adquirir um conhecer, um sentir e um perceber que seja completo e intuitivo, segundo o *esprit de finesse*, do antípoda de Descartes, ou seja, o excelente matemático Blaise Pascal.

No ginásio de Lucerna, nós, estudantes, talvez entendêssemos mal o nosso ótimo professor de história da arte, que, durante o estudo de uma ópera, quando estávamos ante qualquer coisa não quantificável, porém estético, ou então ante a beleza, dizia, esfregando os polegares com os indicadores e os médios: “Deveis senti-lo, intuí-lo!” Mas, tinha razão. Há tantos fenômenos especificamente humanos como a arte, a música, o humor, o riso e, por certo, a dor, o amor, a fé e a esperança que não se deixam captar de maneira crítico-racional nas suas várias dimensões, de modo que só é possível percebê-los na sua plenitude. Também a nova pesquisa sobre o cérebro está em condições, com os seus grandes tomógrafos computadorizados, de explicar o funcionamento dos neurónios, mas não de descobrir os conteúdos dos nossos pensamentos e das nossas emoções.

Já quando eu era um jovem professor, considerava fascinante ter uma troca com os grandes cientistas das outras disciplinas. Não falava então de “interdisciplinaridade”, mas exercitava-a onde quer que eu pudesse. Naturalmente, considerava fundamental uma conduta de respeito, não com os inteligentes acadêmicos, porém, com os verdadeiros grandes conhecedores da matéria. Um respeito ante o seu imenso saber, os seus resultados dotados de fundamento, a sua diversa metodologia e os seus juízos objetivos. Também na teologia tive que lidar com filósofos, juristas, historiadores e médicos e, depois, de maneira cada vez maior, com psicólogos, sociólogos e politólogos. Acima de tudo, sempre quis levar a sério a independência e a autonomia das ciências naturais ou matemático-experimentais e empenhei-me para que não viessem a ser postas em dúvida por nenhum teólogo ou religioso que apelasse a uma autoridade superior (Deus, a Bíblia, a Igreja, o Papa).

Da mesma forma, sempre considerei importante que, se fosse preciso tratar as questões das ciências naturais segundo o seu método e estilo, então, por outro lado, seria preciso que também as questões da psique humana e da sociedade, bem como as do direito, da política e da pesquisa historiográfica, e tanto mais as da estética, da moral e da religião, fossem tratadas segundo o seu método e estilo. De maneira de todo legítima, atualmente também nas ciências do espírito, nós ocupamo-nos sempre mais da análise dos fenômenos, das operações, dos processos e das estruturas. Mas, fazendo isso, não devemos esquecer que há questões legítimas no âmbito científico que se referem ao sentido primeiro e último das coisas, aos valores, aos ideais, às normas e aos comportamentos. Estas questões requerem uma resposta. Como filósofo e teólogo, não posso contentar-me com a problematicidade superficial do nosso mundo secularizado e reduzido unicamente à racionalidade e funcionalidade, porém, devo procurar penetrar na sua dimensão mais profunda. De outra forma, como se poderia encontrar uma resposta à pergunta sobre o fundamento da vida?

Do novo livro de **Hans Küng**, ***“Was ich glaube” [Em que creio]***. O excerto foi publicado no jornal **II Sole-24 Ore**, de 15-09-2009.

Capelas *Imaculada* e *Cheia de Graça* ganham prémio ArchDaily de arquitetura religiosa



As capelas *Imaculada* e *Cheia de Graça*, de ANTÓNIO JORGE FONTES, ASBJÖRN ANDRESEN e ANDRÉ FONTES, venceram hoje o **prémio ArchDaily** na categoria de arquitetura religiosa.

A distinção, atribuída após sucessivas fases de votação pelos leitores do “site” da especialidade mais consultado, dá à cidade e à arquidiocese de Braga o segundo galardão ArchDaily, depois da

capela *Árvore da Vida*, em 2011, assinada pelo mesmo gabinete de arquitetura.

O projeto, de 2016, «focou-se na recuperação da Capela Imaculada Conceição e do coro-alto, transformando-o num espaço reservado aos habitantes do Seminário – a Capela *Cheia de Graça*», refere uma nota do gabinete de arquitetura Cerejeira Fontes.

«Aproveitou-se o pé direito total do espaço de intervenção e as paredes exteriores do mesmo, deixando a “pele” de pedra existente que se manifesta de forma escultórica em torno das capelas», salienta a descrição.

A capela «ergue-se em madeira, desde a estrutura de suporte até aos planos que lhe conferem o espaço, e é composta por várias peças de madeira, encaixando-se, criando uma estrutura equilibrada que se manifesta como uma floresta à entrada do espaço sagrado».

«A sua copa cria um espaço reservado dedicado aos habitantes do Seminário, e os seus troncos um filtro entre o espaço profano e o espaço sagrado, permitindo ao visitante entregar-se ao espaço, entregar-se à dimensão dos sentidos», assinalam os arquitetos.

«Pela sua composição e escala foi dado a este espaço um nível de inteligibilidade superior e uma dimensão espiritual, permitindo o diálogo entre o espaço, o indivíduo e o divino»

As capelas são envolvidas por uma abóboda em betão, com a espessura de 12 cm e suportada uma estrutura em aço «quase impercetível», «impondo-se simples, leve e suspensa no espaço, desafiando a sua própria materialidade».

«Os rasgos na abóboda que se prolongam pelas suas paredes de betão criam momentos de abertura, permitindo filtrar a luz solar e conceder um rigor “quieto” e maior dignidade aos elementos estruturais da cobertura», lê-se na apresentação do projeto.

O conjunto arquitetónico «cria juntamente com os restantes elementos um espaço de absoluto “silêncio inquieto” remetendo à introspeção, ao mesmo tempo que se destaca por uma «qualidade acústica superior».

No fundo da capela «ergue-se um rasgo em mármore, retro iluminado naturalmente, transportando o espectador para outra dimensão física e espiritual».

«Assim, pela sua composição e escala foi dado a este espaço um nível de inteligibilidade superior e uma dimensão espiritual, permitindo o diálogo entre o espaço, o indivíduo e o divino», conclui a nota.

Entre os cinco finalistas da categoria de arquitetura religiosa do **prémio ArchDaily** encontrava-se o projeto do altar do santuário de Fátima.

Rui Jorge Martins / Imagem: Nelson Garrido | D.R. / Publicado em 12.03.2019

https://www.snpcultura.org/imagens/capela_imaculada_20190312_pc.jpg